



TEXTOS
RUBENS FERNANDES JUNIOR
HELOISA BARBUY
FRAYA FREHSE

COMENTÁRIOS DAS IMAGENS
HENRIQUE SIQUEIRA

MILTÃO AUGUSTO DE AZEVEDO

BIBLIOTECA
MARC
JEAN
BRAJE

casas de imagem



DPH

DEPARTAMENTO
DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO



COSACNAIFY



8
RUBENS FERNANDES JUNIOR
TÉCNICA, PIONEIRISMO E MEMÓRIA NA OBRA DE MILITÃO

26
ALBUM COMPARATIVO DA CIDADE DE S. PAULO 1862-1887

34
HELOISA BARBUY
SEGUINDO MILITÃO PELAS RUAS DA CIDADE

50
FRAYA FREHSE
O COMEÇO DO FIM DA SÃO PAULO CAPIRA

74
ENSAIO FOTOGRÁFICO

190
LOGRADOUROS DE SÃO PAULO [1862, 1887 E 2012]

191
MAPAS LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS DE MILITÃO NA CIDADE
[1862, 1887 E 2012]

194
English version

216
Bibliografia

218
Sobre os autores

219
Créditos das imagens

O COMEÇO DO FIM DA SÃO PAULO CAIPIRA

FRAYA FREHSE

TEMPOS NA FOTOGRAFIA

Parece ter sido no meio da tarde de um dia qualquer de 1887, comércio aberto e gente na rua, que Militão subiu, uma ideia na cabeça e uma câmera-caixote nas mãos, ao primeiro andar do sobrado em cujo térreo seu amigo Anatole L. Garraux até alguns anos antes mantivera a famosa livraria; rés do chão que em 1888 seria propagandeado nos jornais como sede do não menos conspicuo Café Girondino [p. 131]. Postado na sacada de uma das janelas, o já conhecido fotógrafo local acabou captando quase metade do largo da Sé e a extensão da rua do Imperador, que ali desembocava. Ao menos é o que sugere uma das primeiras vistas do *Album comparativo da cidade de S. Paulo 1862-1887*.

Porém, esse não é o único tempo que ali se deixa discernir. Os paralelepípedos, por exemplo, apontam involuntariamente para o início dos anos 1870, quando as atas da Câmara Municipal e os jornais diários paulistanos aludem ao calçamento das ruas, largos e ladeiras da colina historicamente central, denominada colina histórica, com as tais pedras retangulares.

Já os chamados carros de aluguel em primeiro plano são historicamente um pouco mais antigos. Data de 1865 esse que foi o primeiro serviço de táxis da cidade, cujo principal estacionamento na colina central era precisamente o largo da Sé. Não espanta que tais carros, portanto, estejam ausentes de uma fotografia que do mesmo local o jovem Militão fez em 1862-63, só que do rés do chão fronteiro da Casa Garraux, e que por alguma razão não foi incluída no *Album* [p. 130]. Nessa imagem, quem estaciona diante da porta da secretaria do cabido da Sé, adjacente à catedral, são burros dificilmente discerníveis – talvez uma das muitas tropas de passagem por São Paulo entre interior e litoral, até a inauguração da ferrovia, em 1867.

Assim, calçamento e veículos podem ser considerados signos indiciais de mudanças no logradouro fotografado por Militão em 1887, por referência à imagem da década de 1860. Mas também outros signos conotam novidades históricas do interim: o quiosque quase no centro da composição, por exemplo, no largo da Sé desde junho de 1883; ou os letreiros, os arcos abatidos e as sacadas inteiriças em ferro, nos sobrados.

Tendo-se em conta que o objetivo expresso de Militão por meio do *Album* foi “comparar” o “São Paulo antigo e moderno”,¹ não surpreende que essa fotografia faça, na compilação, par com outras repletas, em termos comparativos, de signos indicialmente alusivos a significativas transformações na cidade. Foi graças a esses elementos que tais vistas urbanas – no *Album* mas não só – adentraram estudos variados precisamente sobre o vigor das mudanças históricas na São Paulo de fins do século XIX: análises da arquitetura e do urbanismo;² de certo imaginário urbano;³ da história da fotografia.⁴ Tal contundência no ritmo das transformações tem sido relativizada por meio de outras ênfases: nas relações entre arquitetura e sociedade;⁵ no cenário social (pedestres, animais e veículos) das vias e largos fotografados;⁶ nos dilemas valorativos do próprio Militão em relação ao processo histórico em curso.⁷

Assim, a bibliografia atualmente já vasta sobre as vistas urbanas do fotógrafo amplia de modo privilegiado o nosso horizonte de compreensão do mundo social e cultural que emerge na São Paulo da segunda metade do século XIX. Desvela-se o desencontro de tempos históricos que impregna a urbanização na cidade da época, quando a possibilidade histórica da modernidade, como realidade social e cultural pautada na concepção da transitoriedade de tudo e todos, se impõe com força até então inédita. Sob

esse prisma, os estudos são tentativas de compreender a cidade que se consolida em São Paulo pela mediação de transformações socioculturais tributárias da modernidade como processo histórico, e da qual as imagens de Militão são documentos.

Já aqui, cabe inverter a questão. Ao invés da urbe em gestação, interessa aquela que está desaparecendo, mas se mantém viva no imaginário do qual as imagens de Militão são simultaneamente produtos e produtoras. O que as vistas urbanas da década de 1860 e de 1887 nos dizem sobre a São Paulo que se transforma no período?

Espero demonstrar que tais imagens são documentos visuais de um imaginário específico de época, do qual o fotógrafo é, sem saber, porta-voz, pela "imaginação fotográfica" que impregna suas vistas.³ Nesse imaginário o destaque – e o estranhamento do fotógrafo – cabe ao começo do fim da São Paulo caipira. Em silêncio, apenas com signos indiciais, as imagens falam do início do processo de desparição da cidade historicamente forjada, em termos socioculturais, naquilo que Antonio Candido reconheceu como população caipira, consolidada a partir da miscigenação entre brancos e índios no curso dramático da colonização portuguesa e, em particular, com o final da escravidão indígena, no século XVIII.⁴ Recorrendo bastante, em termos composicionais, a planos médios de leitos de rua, ladeiras e largos emoldurados por casas térreas, sobrados e edifícios religiosos e públicos, além de, algumas poucas vezes nos anos 1860, centrar-se em chácaras de notáveis da sociedade paulistana – e tudo isso no centro da colina histórica, em suas rebarbas e nos então chamados arrabaldes –, Militão legou à posteridade uma interpretação fotográfica pioneira de como se iniciou na cidade a desagregação dos referenciais socioculturais caipiras.

É o que se nota com o olhar atento a signos indiciais relativos ao modo como animais, veículos e gentes figuram *corporalmente* no cenário físico das ruas, largos e casas, nas imagens da década de 1860 e de 1887. São detalhes discerníveis apenas sutilmente em vistas em que poucos homens, mulheres e crianças aparecem no primeiro plano ou em pontos simbolicamente privilegiados nas composições, conforme a regra dos terços que marca a história da arte ocidental, e também a trajetória da fotografia.¹⁰ Aquilo que Marcel Mauss chamou de "técnicas corporais"¹¹ se insinua nas vistas pela mediação dos bichos, dos meios de locomoção e transporte ali identificáveis, além do gênero aparente dos pedestres (feminino ou masculino), sua faixa etária (se podem no mínimo ser associados visualmente a adultos ou crianças – meninos ou meninas), sua cor (quando muito branca ou negra, dado o esmaecimento físico do suporte fotográfico), além do status socioeconômico que os trajés sugerem (riqueza ou pobreza material).

Tais indícios de técnicas corporais diante da câmera quando da tomada fotográfica fazem das vistas urbanas de Militão testemunhos de uma São Paulo peculiar. O conjunto dos anos 1860 evidencia cinco representações visuais da rua do alto da colina como espaço que, conceitualmente discernível, traz a marca de atividades sociais correspondentes a traços socioculturais que estudiosos têm reconhecido na cultura camponesa, caipira ou sertaneja, no Brasil dos séculos XIX e XX. Frente a tais referências, os pedestres captados em 1887 sugerem que a rua caipira começa a desaparecer desse perímetro historicamente central do núcleo mais urbanizado da cidade, e que aqui sintetizo como *centro*: um triângulo imaginário, delimitado, desde os idos coloniais, pelas igrejas do Carmo, de São Francisco e de São Bento; bem antes de, no final do século XIX, adentrar o mapa ima-

ginário dos paulistanos o célebre Triângulo formado pelas ruas Direita, do Rosário e de São Bento. De fato, a fotografia de Militão insinua que o fim da São Paulo caipira avança da rua do centro para os arrabaldes, pelas rebarbas da colina. E da rua para a casa, adentrando o imaginário.

UM POVOADO CAIPIRA NA RUA

É intensa a presença de animais e veículos nas vias e largos fotografados pelo jovem Militão. Às vezes nos altos da colina, como as tropas do largo da Sé que já conhecemos, e outras à vontade no largo do Capim [p. 92]. Já carros de boi enfeitam ruas prestigiosas como a do Rosário [p. 105], e largos como o do Carmo [p. 103]. Cavalos, por sua vez, às vezes foram captados de longe, os focinhos dentro de algum armazém na rua do Carmo [DETALHE 1, p. 112]; mas em geral na transversal da via, como na de São Bento [p. 94]. Porém, as carroças adentram as fotografias em geral em movimento pelo leito carroçável: por exemplo, na frequentada rua Direita em direção à Sé [p. 112].

Embora a possibilidade dessa agitação impregne em especial as imagens do alto da colina, ela reaparece nas ladeiras que conduzem à várzea do Carmo, e nas estradas em direção às chácaras dos arrabaldes. Mesmo implicando tempos de exposição de vinte segundos a um minuto, o colódio úmido não impediu Militão de captar veículos e animais, entre outros, na direção do Brás pela ladeira do Carmo [0, 2, p. 110]; e no largo do Piques [0, 3, p. 79], estacionamento crucial das tropas que adentravam a cidade pelo caminho de Sorocaba, embora a vizinhança abrigasse também quilombolas.

Trata-se, por tudo isso, de uma dinâmica de deslocamentos muito própria dos vínculos que uma "vila" caipira



DETALHE 1



DETALHE 2



100 (AALM)

nutre historicamente com os "bairros" do entorno. Basta lembrar do equacionamento que Candido estabelece entre o "núcleo do povoado" caipira e as "porções do território" a ele subordinado, no interior do amplo "lençol de cultura caipira" que, a partir do século XVIII, passou a abranger partes das capitânicas de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso;¹² portanto, também a São Paulo oitocentista. A relação dos núcleos do povoamento com os "grupos rurais de vizinhança" que, na "área paulista", foram "sempre" denominados bairros, se baseia em movimentos de "sístole e diástole demográfica". De fato, é para lá que o "morador da roça" aflui periodicamente e "pode se comunicar com a civilização", dadas as atividades econômicas, políticas e as lúdico-religiosas que em particular a vila concentra: comércio, eleições, missas e festas; embora essas últimas também se espalhem por freguesias e bairros.¹³

À luz dessas referências, as vistas de Militão viram documentos de um imaginário que ressalta o efeito demograficamente diastólico que atividades sociais específicas então exerciam sobre a rua do alto da colina histórica. Trata-se de um *lugar de ajuntamentos humanos em ocasiões bem específicas, de celebrações cívicas e religiosas, e de comércio*. Isso se lembrarmos, com Erving Goffman, que "ajuntamentos" são ocasiões em que a copresença física de duas ou mais pessoas permite tratá-las à primeira vista como uma "mesma classe".¹⁴ Algumas poucas vezes o jovem fotógrafo atentou para cerimônias das quais em particular os largos centrais eram, então, palcos preferenciais. Penso na festividade cívica no largo do Palácio (p. 108), onde a presença masculina, adulta ou infantil, mais ou menos remediada pontifica no então terreno circundado pelo palácio do presidente de província e pela socialmente nobre igreja do Colégio. Mas lembro ainda a captação, sem destaque, de

uma possível saída de missa na antiga Sé (pp. 128-29), onde poucos vultos parecem se ajuntar. É o que conotam o tamanho relativo dos pedestres e seus respectivos trajés: seriam dois homens conversando, enquanto uma mulher de manto claro e uma criança descem a escadaria?

No entanto, Militão sugere que também atividades comerciais atraem gente. Fís o caso na esquina entre a ladeira, a rua e o largo do Carmo (p. 102), onde desde 1830 existia um mercado ao qual os camponeses do entorno afluíam carregados, para comerciar. Fica em aberto se no momento flagrado por Militão havia missa no pomposo Carmo. É fato que paletós e chapéus se deixam discernir em alguns dos homens de costas para o fotógrafo: talvez, roupas de domingo, nessas imediações já mais empobrecidas do centro, próximas de uma área de moradia e culto de escravos e forros, entre as igrejas da Boa Morte e dos Remédios.¹⁵ Ao menos nos anos 1830 trajés masculinos nas "classes pobres" teriam sido "calça e jaqueta de qualquer fazenda grossa, de algodão", sendo que os "roceiros" vestiam só "calça e camisa, ao que, os que podiam, adicionavam o surtun de baeta (espécie de colete) para o frio".¹⁶ Porém, as portas abertas dos aparentes armazéns e oficinas repõem a dúvida sobre a possibilidade de missa. Afinal, leis municipais de 1852 em prol do "fechamento das casas de negócio nos domingos e dias santificados" foram declaradas "sem vigor" quase um ano antes da chegada de Militão à cidade.¹⁷ Com efeito, a dificuldade de "cerrar as portas" é própria a povoaamentos rurais do Brasil de então: no sertão pernambucano do final da centúria, o comércio só fechava por "acontecimento de vulto", coletivamente doloroso ou festivo.¹⁸

Embora todos esses exemplos fotográficos se apliquem aos altos da colina, o caráter socialmente aglutina-

dor das atividades comerciais e religiosas se reitera nas vistas de outros espaços – muitos no centro, mas também, uma vez, no arrabalde da Luz. Nesse sentido, destaco, de um lado, os aparentes homens em trajés remediados que, ao lado de um menino e um homem com vestes bem mais singelas, "roceiras", parecem posar para Militão diante da Confeitaria do Leão, na rua da Quitanda (p. 147). E como passar, de outro lado, ao largo dos aparentes clérigos apurados em hábitos negros (p. 173), e seguidos por homens em conformidade com a moda elegante da época (sobrecasaca, cartola),¹⁹ todos flagrados em fila diante do recém-inaugurado Seminário Episcopal (1860), na saída norte da cidade – conhecida como comércio da Luz?

Se tais signos conotam ajuntamentos até então pouco comuns em São Paulo – confeitarias e escolas "de relevo" como o Seminário eram novidades²⁰ –, as atividades sociais que os fundamentam – o comércio, a educação religiosa – são historicamente indissociáveis da vida social prevalecente em núcleos de povoados caipiras. Sob esse prisma, excepcional é o ajuntamento na frente da Academia de Direito (p. 57), dada a mediação da educação superior e laica, até então recente em São Paulo – e no Brasil –, que assim se introduz na cidade imaginada fotograficamente por Militão.

Mas nessa urbe a rua do centro é mais do que lugar de ajuntamentos festivos e comerciais historicamente próprios do mundo caipira. Ela é *lugar de passagem física de homens e mulheres, a pé ou a cavalo, por referência precisamente a essas atividades*. Em meio aos muitos borrões que as fotografias evidenciam – de gente, animais e veículos que, diante da câmera, se movimentaram mais do que tecnicamente deviam –, às vezes o contorno dos trajés sugere homens, como na animada rua do Comércio

[D. 4, p. 154], ou no Piques [D. 3, p. 79]. Já em outros poucos momentos se insinuam mulheres, mesmo que apenas ao longe – no Carmo [D. 5, p. 112] ou na rua do Rosário [D. 6, p. 145]. É isso graças à marca de sua indumentária na rua de então: a ocultação do corpo por meio de véus – capotes e mantilhas, em senhoras socialmente mais prestigiosas; mantos e xales de chita, nas menos remediadas.²¹

Embora as instituições políticas, religiosas e econômicas passíveis de justificar andanças de pedestres pela cidade se situassem nos altos da colina, Militão captou como lugares de passagem também ladeiras como as do Meio e de São Francisco [p. 84], conexões com o Piques; e a estrada do Brás [p. 182], de onde se vê a colina ao longe. Mas nesses casos a movimentação humana parece bem mais esparsa.

Um olhar concentrado apenas em indícios de modernidade poderia associar esses signos indiciais de deslocamento ao trânsito moderno de transeuntes. Isso se considerarmos as alusões da sociologia e historiografia europeias e norte-americanas à difusão crescente da regra da passagem física regular pelas ruas, e do padrão de permanência momentânea nas praças, nas Londres, Paris e Berlim oitocentistas.²²

Entretanto, na São Paulo do jovem Militão são outras as ruas e largos – ainda não praças. As imagens sugerem que quem mais circulou foi o próprio fotógrafo, cruzando os altos da colina nas quatro direções para alçar, de modo pioneiro, a rua a protagonista da fotografia.²³ Ademais, desceu e subiu ladeira, atravessou a várzea em direção ao rural Brás e ao Campo Redondo, para fotografar chácaras e a própria cidade.

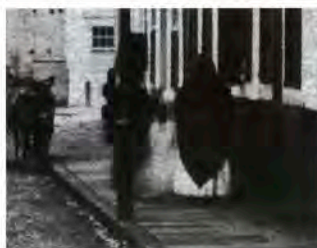
Assim, as vistas do fotógrafo trazem indícios visuais ainda de uma terceira rua do centro de São Paulo, quanto



DETALHE
A



DETALHE
B



DETALHE
C

a seus vínculos socioculturais com a cultura caipira conceituada pelos estudiosos. As vias e largos do alto da colina são lugares de um *intrincado encadeamento entre trabalho e descanso*.

Mesmo que apenas como detalhes das subfotografias que cada fotografia carrega, as vistas trazem a marca da escravidão – no alto da colina, em suas rebarbas e arrabaldes semirrurais. Não importa que a quantidade de escravos fosse rarefeita na São Paulo de então.²⁴ São pedestres captados frequentemente à distância, um aparente tabuleiro na cabeça ou um barril, na rua Direita [D. 7 A e B, p. 123], quando não uma caixa, na ladeira de Santo Antônio [D. 8, p. 80]. Isso quando o barril não vai para o ombro, na rua do Rosário [D. 9, p. 141].

Se muito raramente a qualidade da reprodução fotográfica permite reconhecer a cor aparente do respectivo carregador ou carregadora, em todos os casos estamos em face de atividades de trabalho braçal nas ruas próprias de uma cidade na qual o dia a dia das casas senhoriais dependia integralmente do escravo. Era ele quem agenciava a lavagem de roupas – não raro na várzea do Carmo, alva de lençóis [p. 114]. Ademais, trazendo dos chafarizes água, levava para longe os dejetos da casa – às vezes em barris. E cativos abasteciam a casa de alimentos por meio do comércio ambulante, de armazéns e, além do Carmo, dos quartinhos da rua das Casinhas, agitada pelas trocas entre comerciantes e os camponeses da redondeza. Aliás, em meio à escravidão já em crise, as ruas e largos centrais da São Paulo eram lugares preferenciais de um comércio ambulante capitaneado por mulheres pobres, livres ou forras, com o auxílio de escravos de ganho ou de aluguel.²⁵ Seriam de quitadeiras os tabuleiros apenas insinuados na rua Direita? E o aparente cesto no ombro esquerdo de



DETALHE
D e E



DETALHE
F e G

um homem de tez quicá negra, no leito da rua da Esperança, [o. 10, p. 137] outro abrigo de gente escrava e forra?²⁶

Se, não por ser escravista, São Paulo era caipira, esta cultura se consolidou ali no rastro da substituição da escravidão indígena por outra, africana. É isso a despeito das significativas diferenças entre ambas.²⁷ Assim, os indícios de trabalho braçal que voluntariamente ou não adentraram as imagens de Militão insinuam uma dinâmica socioeconômica passível de ser associada a núcleos de povoados caipiras da época.

Mas as evidências mais contundentes nesse sentido se encontram de fato no não trabalho que impregna as fotografias. Lugar de labuta braçal, a rua abriga também o ócio implícito nessa faina. Mesmo quando os signos indiciários conotam a possibilidade de que o trabalho tenha um objetivo historicamente moderno – o calçamento da rua da Cruz Preta, por exemplo [p. 134] –, os pedestres nas proximidades aparecem sentados ou parados, a postura sugerindo distância física de qualquer ato braçal passível de ser associado a esse tipo de trabalho. É flagrante em especial a vista da esquina das ladeiras de São Francisco e do Meio [o. 14, p. 84]. Um aparente empregado de oficina ou armazém aparece deitado bem perto da soleira direita da porta, estirado sobre um possível carrinho de mão apoiado no chão, as pernas confortavelmente cruzadas, o braço direito elevado encostado ao muro. A pouca distância dali, o vulto de um segundo pedestre – um mendigo com uma criança no colo? – faz do muro esquerdo da oficina seu encosto.

Essa imagem vai de mãos dadas com outras em que gente aparece sentada na calçada – para trabalho e/ou descanso. Na rua Direita, o manto sugere uma mulher – vendendo algo diante da livraria de Garraux [o. 12, p. 127].



DETALHE
10



DETALHE
11

já na saída sul da cidade que era a rua da Glória [o. 13, p. 102], um homem parece descansar. Tudo isso quando o corpo não recorre a outros suportes: uma mureta no largo do Riachuelo, fimbria da colina [p. 82]; pedras e outros materiais indiscerníveis – perto da linha férrea e do Seminário Episcopal [p. 173], ou do lado da ladeira do Palácio [o. 14, p. 115].

Comum a esses detalhes todos é a dificuldade que fica para o observador: como discernir, nas imagens, momentos de labuta de ócio? Se razões para tanto se encontram na qualidade técnica das vistas e na própria ontologia da imagem, importa aqui que a dificuldade contribui para fazer das fotografias documentos de uma articulação profunda entre trabalho e não trabalho, na rua do centro paulistano. Ora, essa vinculação é muito própria da cultura caipira oitocentista. Uma desconfiança histórica em relação ao trabalho dirigido e regular – associado ao cativo – e a rejeição da submissão e da obediência constantes resultaram num modo de vida em que o trabalho é preferencialmente corporativo e se impregna de uma “larga margem de lazer”.²⁸

Sob esse prisma se compreende também por que não significa necessariamente cansaço e preguiça uma terceira técnica corporal que, associada ao deixar-se ficar, é comum nas fotografias de Militão: o encosto do corpo em alguma coisa, várias vezes a soleira de algum estabelecimento comercial [o. 15 A e B, p. 92], embora o muro do outro lado da rua, perto do largo de São Francisco, também sirva. A técnica se aplica não só a aparentes pedestres masculinos flagrados em vias centrais da colina – mesmo na comercial Direita [o. 16, p. 131]. Vale ainda para a soleira e a janela de uma aparente residência na rua da Constituição, uma saída norte da cidade [o. 17, p. 168]. E reaparece



DETALHE
12



DETALHE
13



DETALHE
14



DETALHE
15A



DETALHE
15B



DETALHE
16

na cerca da chácara do Campo Redondo (p. 48, p. 48). De fato, esse "gesto" antagônico ao do trabalho, ao "corpo em movimento", insere-se, no universo rural brasileiro, no repertório das pessoas que "Não estão fazendo nada de seu; deixam-se ficar".²⁹

E eis que chegamos a uma quarta representação visual da rua do centro paulistano como caipira, nas fotografias de Militão. Trata-se de um *lugar privilegiado de exibição pública do status social que, como pedestre, se tem*.

Sinteticamente significativos aqui são dois detalhes da vestimenta que vai e vem pelas vias e logradouros registrados pelo jovem fotógrafo. Penso, de um lado, em vistosas cartolas. Elas particularizam não somente alguns participantes da procissão diante do Seminário, mas os muitos frequentadores masculinos da celebração cívica no largo do Palácio, além dos dois homens que encaram o fotógrafo no centro da vista da Academia. E reaparecem em outros locais do centro: por exemplo, na cabeça de um homem em primeiro plano, na Sé (p. 133), e em ruas como a Direita (p. 49, p. 123).

De outro lado, resalto as aparentes coberturas corporais que escondem os corpos das poucas mulheres que Militão incorporou, querendo ou não, em suas composições. Se já conhecemos algumas anteriormente, é na rua da Esperança (p. 20, p. 137) que xales se evidenciam de modo contundente, nas aparentes moças que, diante dos sobrados, miram o fotógrafo. E isso embora um manto se insinue ainda na ladeira de Santo Antônio antes evocada, onde aquele homem com a caixa na cabeça parece conversar com uma raríssima mulher negra em primeiro plano.

É quando se sobe na escala social – e Militão se afasta das ruas e largos da colina –, que muda o acessório que cobre o rosto. Mas certa ocultação permanece. Numa rara



DETALHE
17 e 18



DETALHE
19 e 20



fotografia de rostos femininos brancos em primeiro plano na entrada diante do convento setecentista da Luz (p. 177); as mantas e mantilhas foram trocadas por chapéus. Eis, de fato, uma novidade da primeira metade do século XIX. Mas, protegendo do sol, eles se destinavam também ao resguardo "dos olhos dos curiosos de rua".³⁰

Em busca de rostos femininos não cobertos, nada como espaços outros, longe da rua, do largo, da estrada. Assim, por exemplo, o portão de entrada da chácara do conspícuo alenão Leonardo Loskiell, no Brás (p. 103). Ali a sutileza permite discernir, atrás do homem de sobre-casaca e à direita da aparente cabeça negra feminina que encima vestido, colete e manta, um segundo vestido, só que mais claro e do qual desponta um possível rosto quase transparente sob cabelos louros. Alguma parente de Loskiell, que enriqueceu cultivando nessa propriedade gêneros que abasteciam os mercados locais?³¹

Não o lado de fora, mas o de dentro da chácara: eis outra alternativa para se divisar semblantes femininos descobertos, nas vistas do jovem Militão (p. 104). O proprietário permanece o mesmo, Loskiell. Ali, uma rara mulher de tez clara em primeiro plano e no centro da composição, rostos negros apenas nas ao fundo, dois femininos e um masculino. É gente cujos traços, comparativamente mais surrados, as saias sem anquinhos, a sobre-casaca não tão bem recordada como a do aparente senhor à esquerda, insinuam serviços da casa.

É inegável que as cartolas comotam imponência na sociedade brasileira de então, produto europeu que eram, e cultuadas pelos homens da terra apesar de quentes e pesadas, face ao clima local.³² Já os mantos e véus, e suas derivações modernas, os chapéus, vão numa direção diversa, quase contrária à das cartolas: a discrição.

Trata-se de dois atributos muito próprios dos padrões de "exibição corporal" então vigentes na rua do centro de São Paulo entre homens e mulheres de posição social variada.³³ Sua possibilidade nas vistas do jovem Militão importa pelo caráter cerimonial que, assim, impregna, em termos conotativos, a rua das fotografias. Vale lembrar, com Goffman, que a interação social pode se orientar por regras de conduta que são meros "meios convencionais de comunicação". Recorrendo, entre outros, ao que traduzi como exibição corporal (traços, postura e posição física),³⁴ tais regras transmitem, entre outros, a posição social de quem interage. Sob tal prisma, cartolas e mantos fotografados sinalizam para uma regra específica a mediar à presença masculina e feminina nas ruas e largos: deslocar-se por ali é expor corporalmente seu lugar na sociedade paulista perante o estranho – que a rua congrega de modo privilegiado, naquele contexto.

Decerto tais circunstâncias são indissociáveis do vigor com que referenciais socioculturais estamentais ainda pautam São Paulo nos anos 1860.³⁵ Mas interfere também o modo como tais padrões foram reelaborados historicamente nessas plagas em meio à consolidação da própria cultura caipira. De fato, o modo de vida caipira da população reforçou à sua maneira em particular a tradição de valorização do recato feminino no interior da casa, sendo à rua, a cidade, privilégios do homem e dono da casa – traço, aliás, dos povoados caipiras ainda em finais do século XX.³⁶

Por tudo isso, é na rua que também os pedestres masculinos exibem seu status social. Quando o indivíduo é mais remediado e existe a moda das cartolas, por que não expô-las perto da câmera fotográfica? Aliás, é possível que a consciência da proximidade física desse equipamento explique os tantos corpos masculinos que, em traços dos

elegantes da época e olhar fixo no fotógrafo, se acham encostados nos latentes de aparentes estabelecimentos comerciais ou oficinas, ou parados no meio da via. É o que se nota na rua Direita que já conhecemos; no limite ocidental do alto da colina que o largo do Capim insinua (p. 101); e no Piques (p. 101). Dados os longos tempos de exposição requeridos pelas câmeras fotográficas de então, era conhecida a necessidade de encontros físicos, se o fotografado não quisesse virar borrão.

Se apenas indiretamente tais traços e posturas masculinas nas imagens remetem a traços da rua próprios de um povoado caipira, os aparentes homens e meninos com vestes "roceiras" ali sinalizam de modo instantâneo o status camponês. Também nisso as vistas confluem com outras fúndes de época.³⁷

Explicitados esses aspectos todos, nota-se que eles remetem a atividades sociais cuja presença nas vias e logradouros capitais depende essencialmente desses espaços, no centro e nos arrabaldes. Mas há ainda uma representação visual da rua do alto da colina como lugar de atividades cuja matriz de significados não se encontra ali.

Em Militão a rua se evidencia também como lugar de modos de convivência social próprios da casa; uma extensão da sociabilidade ali vigente. Mas elas são de difícil apreensão, dada a opção composicional pelo destaque à leitura de rua e calçadas, as edificações térreas ou assobradadas emoldurando a verticalidade do cenário. De todo modo, a fachada térrea das construções de portão e janela, sobrados ou não, carrega tênues signos indiciais da sociabilidade caipira em relação à casa.

Às vezes, há mulheres na frente ou na soleira da porta de entrada de edificações cuja fachada, por não ser só reterida por portas, permite afeirar um res do chão tomado

por moradia. É isso mesmo que moradia e trabalho entilo se conjugassem numa única construção, destinando-se o térreo muitas vezes aos serviços e a recepção de visitantes.³⁸ Enfatizo, além das mulheres de tez aparentemente negra da rua da Esperança de antes, aparentes três moças cuja posição física ao longe, na rua do Quartel (p. 101), sugere que elas tinham notado o fotógrafo, diante da porta com muxarabi.

Também aqui a localização da via, entre moradas e igrejas de sociabilidade escrava, insinua pobreza recente, o que se reforça na prevalência de casas térreas. O mesmo se aplica ao vulto que o triângulo da aparente saia clara insinua feminina, perto de um menino, diante de um casebre na ladeira do Carmo (p. 102).

Essas imagens esparsas coexistem com outras, em que a soleira da porta de uma aparente moradia é lugar para uma mulher que já vimos antes se sentar, na ladeira de Santo Antônio; ou diante da qual um menino pode se postar, na rua de São Bento (p. 101 e 102). Isso quando não é uma aparente menina que o faz, numa porta da elegante casa França e Brazil (p. 101, p. 102-03), na rua do Rosário, enquanto mais adiante na mesma via (p. 104, p. 105) talvez seja um jovem rapaz que se deixou ficar na soleira, olhar fixo na rua em frente, um cão branco do lado.

Protalhadas por tais presenças femininas e infantis quase imperceptíveis, as fotografias de Militão vivam testemunhos preciosos de um imaginário no âmbito do qual a casa se espria para a rua. E de novo reencontramos povoados do mundo rural brasileiro. Salienta José de Souza Martins que, em lugares sertanejos do final do século XX, a porta da rua quase sempre aberta é indissociável da concepção de que a casa é "uma espécie de continuidade da rua".³⁹ Entrem o seu interior seja prioridade das mulheres – sendo



DETALHE
21



DETALHE
22



DETALHE
23



DETALHE
24

a casa simbolicamente uterina, sagrada, recôndito da mulher e da intimidade do casal⁴⁰ –, elas também permanecem um bom tempo diante da porta da rua. Ali se envolvem, com as vizinhas, em trabalho não necessariamente doméstico – fiar, costurar, bordar –, “enquanto vigiam as crianças que estão brincando por perto”.⁴¹

Ter em conta esses dados permite compreender também por que, quando a casa é um sobrado aparentemente conspicuo cujo térreo se destina a atividades de comércio, é no primeiro andar que as vistas de Militão registram, duas vezes no alto da colina, vultos aparentemente femininos e brancos em posturas que conotam interesse na movimentação da rua – do Rosário (o. 25, p. 144) e do Ouvidor (o. 36, p. 93).

Aliás, nesse mesmo sentido, encontram-se algumas vezes apenas encostadas ou semiabertas as janelas térreas das casas fotografadas, recobertas pelas célebres e coloniais treliças de madeira denominadas rótulas, quando não também por muxarabis. Às vezes, isso se dá no sobrado adjacente à sacada do Rosário a que aludi antes; outras vezes, nas rebarbas pobres da colina, como na já mencionada rua do Quarte; ou na rua Alegre (o. 27, p. 460), ligação com o arrabalde da Luz. Algo semelhante vale para as portas da rua – às vezes cortadas ao meio, como na mesma rua do Rosário.

Também esses signos indiciais colaboram para a representação em foco. As aberturas da testada das casas aparecem como locais de um vívido contato dos moradores com o mundo da rua. Quanto às rótulas, a crônica de época e a historiografia paulistana sobre o período são contundentes.⁴² Já a porta da rua foi sintetizada por Martins como “lugar da conversação dos não estranhos, daqueles com quem os moradores da casa têm familiaridade e não necessariamente parentesco”.⁴³



DETALHE
25 e 26



DETALHE
27

Explicitadas as cinco concepções da rua do centro que se desvelam nas fotografias do jovem Militão pela mediação das técnicas corporais ali flagradas, não fica difícil reconhecer que estamos em face de uma cidade eminentemente caipira. No imaginário do qual as vistas se nutrem, o núcleo do povoado se situa nos altos da colina. Se também ali a roça se insinua, essa se expande à medida que a câmera dali se afasta. Assim, não é o campo que existe a despeito da cidade. Antes o contrário.

Mas essa história, nesse momento mesmo, está com os dias contados. Os sinais premonitórios mais evidentes contidos nas fotografias impregnam a materialidade da arquitetura e dos equipamentos urbanos, que expressam “melhoramentos materiais” encetados na rua principalmente a partir da década de 1850.⁴⁴ De todo modo, é só nas vistas de 1887 que se pode notar que também o vínculo corporal dos humanos com a rua parece ter sido afetado de modo irremediável pela possibilidade histórica da modernidade. Ou melhor, no pouco de 1887, em face do muito dos anos 1860.

UM FUTURO FOTOGRÁFICO PARA A CIDADE CAIPIRA

De fato, são comparativamente bem menos numerosas as vistas que permitem identificar, nas técnicas corporais captadas voluntariamente ou não por um Militão já quase cinquentenário, indícios de concepções da rua do centro como espaço de atividades sociais que podem ser associadas a referenciais socioculturais do mundo caipira. Isso não surpreende, dado o pressuposto explícito do fotógrafo ao elaborar o *Album*: a dicotomia entre a São Paulo da década de 1860 e a de 1887 se expressa em opções composicionais que dificultam a apreensão de detalhes corporais nos pedestres do leito das ruas e calçadas, das soleiras e

fachadas das casas. Se os planos médios reaparecem, muitos agora foram feitos do primeiro andar de alguma edificação, como no caso do largo da Sé; quando não do alto de alguma igreja, como a de São Bento (p. 163), ou mesmo do então recente observatório do Jardim Público. Do ponto de vista técnico, a obstinação comparativa de Militão não precisaria ter condenado pedestres, animais e veículos a ocupar um lugar tão secundário nas imagens de 1887.

Em todo caso, em busca do futuro da cidade caipira que impregna as vistas dos anos 1860, nada como avaliar que destino o novo conjunto reserva às representações visuais que conhecemos anteriormente. Algumas significativas ausências nas vias e logradouros do alto da colina tornam a rua do centro especialmente reveladora dos lugares da São Paulo caipira nas fotografias de Militão em 1887.

Inexiste ali a rua como lugar privilegiado de aglomeramentos cívicos e religiosos. O largo do Palácio (p. 101) agora abriga uma praça ajardinada e gradeada, com coreto e bancos de jardim, e já vimos que a frente da Sé congrega carros de aluguel.

São sobretudo atividades comerciais que asseguram certo burburinho diante dos estabelecimentos – e não apenas na Sé, mas no par comparativo da rua da Quitanda, por exemplo (pp. 148–149). Para não falar da Academia (p. 83).

Se no centro o panorama é esse, não seria diferente nas rebarbas e arrabaldes da colina, anunciados nas legendas das vistas em grandes planos do *Album*. O olhar comparativo de Militão sugere que, afora a lógica vila-bairro caipira, são cada vez mais outras as mediações a interferirem no possível caráter diastófico dos altos da colina – possível porque, na verdade, amplamente ausente das fotografias.

As imagens são preenchidas de cenários físicos dotados de equipamentos urbanos que, por sua própria natureza, fa-

vorecem aglomeramentos cujo pretexto são atividades sociais das quais não há indícios nas vistas da década de 1860: o lazer num banco de praça (p. 28, p. 153), a circulação junto com muitos outros pedestres, no bonde de uma rua da Imperatriz ainda mais comercial (p. 142), ou na já bem modificada rua Alegre (p. 153), para ir e vir da estação da Luz. Isso sem falar do consumo de uma variedade até então inexistente de mercadorias em estabelecimentos também inéditos – e que ocupam inclusive o leito da rua; quiosques não são privilégio da Sé, aparecendo ainda na baixada pobre da colina (p. 89, p. 111), e na ainda rural Brás (p. 36, p. 163).

Com efeito, contemplar o conjunto de 1887 à luz da São Paulo caipira (dos anos 1860) convida à impressão de que a rua do centro é um cenário físico cada vez mais moderno à espera de sua personagem primordial: o transeunte. É fato que há indícios inéditos dele nas imagens: de um lado, muitos vultos masculinos em movimento nas vias do centro; de outro, algumas silhuetas femininas mais precisas nas calçadas – dobrando a esquina do largo do Palácio (p. 34, p. 101), supostamente ao lado de alguma menina; fugazes pela rua da Imperatriz (p. 34, p. 143); subindo e descendo a Florêncio de Abreu (p. 33, p. 109; p. 34, p. 107), via cada vez mais decisiva de trânsito entre a colina e a Luz, ao abrigar as principais fábricas da cidade; enfim, detendo-se furtiva na rua do Imperador ao longe (p. 33, p. 131). Entretanto, a “velha” representação da rua como lugar de passagem em função de atividades sociais historicamente antigas não pode ser descartada. Estamos longe do vaivém cada vez mais frenético de transeuntes que marcará fotografias de rua paulistanas posteriores às de Militão.⁴⁵ O caráter rarefeito dos pedestres em aparente passagem pelas vias e largos de 1887 evidencia um imaginário no qual a rua como lugar de trânsito constitui principalmente uma possibilidade histórica vigorosa.



101-101
(18)



101-101
(18)



101-101
(18)



DETALHES
31 e 32



DETALHES
33 e 34



DETALHE
35

Mas, se é assim, as vistas de 1887 carregam indícios ainda de outros tempos históricos. E ganha sentido perguntar-se e onde há ali sinais da cidade caipira.

Num contexto de escravidão já agonizante, a rua como lugar de trabalho se insinua de modo difuso. Um carrinho com o qual um homem de tez negra vende coisas, na sarjeta da central rua do Príncipe (p. 135), faz par com o possível cesto na cabeça de um homem de fenótipo indecifrável, na saída da colina que é a rua da Glória (p. 36, p. 103); para não falar do suposto fardo da mulher que desce a Florêncio de Abreu. A evidência mais explícita da rua como lugar de trabalho aparece mais longe da colina: na rua Alegre já apresentada, em cuja sarjeta um engraxate realiza um ofício historicamente novo na cidade, introduzido no ritmo da recente imigração italiana.

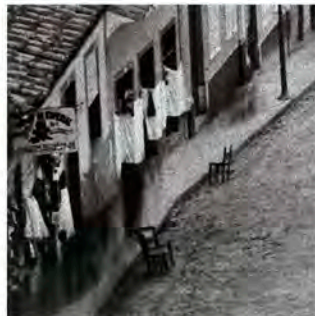
Por sua vez, é só na descida da socialmente pouco privilegiada Tabatinguera (p. 107) que a calçada se destina ao descanso infantil perto de uma trouxa de roupa. Com efeito, uma vez (p. 37, p. 118) foi possível captar cadeiras bem perto de uma sarjeta, sinalizando o descanso porventura de três pessoas. Mas isso na popular ladeira do Palácio, que conduzia ao então maior mercado de alimentos da cidade, de 1867.

Nada de gente deitada. Corpos se encostam apenas em esparsos muros ou nos recentes postes de iluminação a gás. No alto da colina, são aparentes meninos – na frente da Academia e na rua de São Bento (p. 38, p. 152). É na ladeira do Carmo em obras que se discernem dois homens apoiados num corrimão de balaustrada (p. 39, p. 141).

Como esses signos indiciais vêm acompanhados de outros que ressaltam o delineamento aparentemente mais preciso das próprias calçadas através de meios-fios, postes e mesmo dos trilhos de bonde, é fácil deduzir que,



DETALHE
36



DETALHE
37

nas vistas de 1887, ao menos a rua do centro parece mais distante do “antigo” do que do “moderno” que impregnam a imaginação fotográfica de Militão. Mas nem por isso o passado caipira deixa de existir.

O que será da concepção estamental da rua como lugar privilegiado de exibição corporal do status social dos pedestres? Não só as figuras femininas do largo do Palácio, mas aquela que sobe a Florêncio de Abreu parecem insistir em mantos e xales protetores de sua discrição, na via pública. Quanto aos homens, nada de cartolas em pose, sinal dos tempos. Todavia, continua possível distinguir trajés de pedestres específicos em primeiro plano; e, assim, constatar uma atenção especial de Militão ao status social de quem ali é fotografado, tendo em vista o *Album*.⁴⁶

Por fim, só a primeira vista a rua do centro como extensão da sociabilidade da casa parece ausente, em 1887. É verdade que mulheres diante de alguma aparente moradia são indiscerníveis, tal como janelas com treliças associáveis a rótulas ou muxarabis. Todavia, um detalhe ténue nas soleiras de algumas portas nas centrais rua do Comércio (p. 40, pp. 152-153), na do Príncipe (p. 41, p. 135) e na ladeira do Palácio (p. 37, p. 118) pontua que a casa caipira pode se ressignificar, numa colina histórica cada vez mais comercial. Os panos que pendem das portas de três fachadas possivelmente comerciais aparecem pendurados em pequenos varais cujas pontas estão presas por pregos. Se são mercadorias à venda – e Heloisa Barbuy sugere a possibilidade de alguma tinturaria, tal como a bacia que pende de uma porta do largo do Capim dos anos 1860 conota uma funilaria⁴⁷ –, não há como descartar que, ao menos nas duas testadas em cujas fachadas não são expostos produtos outros, estejam em jogo cortinas improvisadas. Ao mostrar as imagens a Martins, ele me explicou ter visto no



DETALHES
88 e 89



DETALHES
89 e 90



sertão que as sempre abertas portas da rua eram recobertas por cortinas feitas de esteira, escondendo visualmente o interior da casa – e a intimidade que só na camarinha escura se vive plenamente.⁵⁸

Eis outro mistério da São Paulo caipira que Militão eternizou, sabendo ou não, em sua série de 1887. Se acrescentarmos a esse silêncio o da criança que se esgueira pela soleira de uma porta na rua da Glória [D. 42, P. 103], e o olhar indecifrável do único vulto feminino que se deixa discernir, sob um toldo, no balcão de um primeiro andar na rua Direita [D. 43, P. 124], aí se fortalece a intuição de que a cidade caipira ainda não morreu. Sua saída da rua do centro pode ser iminente. Mas a casa a acolhe. E não só ela.

DA RUA PARA O IMAGINÁRIO

Que esse é um destino entre outros da São Paulo caipira fica evidente quando se compara as vistas urbanas de Militão com aquelas de outros fotógrafos contemporâneos, e de gente que captou a cidade um pouco depois. Se Vincenzo Pastore e Aurelio Becherini, por exemplo, atentaram para a nova sociedade que emergia em São Paulo no início do século XX, não deixaram de estranhar como o passado rural ali reaparecia.⁵⁹

Mas, na verdade, não só fotografias são reveladoras nesse sentido. Enquanto Militão captava a cidade, a crônica jornalística, as artes plásticas e a literatura se transformavam em argutos meios de expressão cultural da presença caipira na capital e no interior paulistas.⁶⁰ Assim, a São Paulo caipira acabou por encontrar um espaço fértil de sobrevivência também no imaginário de fotógrafos, artistas e literatos.

Nessa perspectiva, as vistas de Militão são documentos de certo imaginário sobre a relevância de referenciais



DETALHES
89 e 90



caipiras na produção de São Paulo como espaço, com o advento da modernidade. Sem idealizar o caipira, as fotografias nos aproximam de um olhar que, por razões pessoais diversas – do aprendizado da fotografia ao desejo de fazer do *Album* o seu *Otelo* verdiano⁶¹ –, fez da cidade cenário para uma interpretação visual pioneira do tempo que a São Paulo caipira levou para ali fencer.

Mostrando a seu modo que o tempo só se expressa espacialmente – tal como o espaço pela mediação do tempo⁶² –, Militão sugere, em suas fotografias, em na São Paulo de então, o fim tem uma duração. É um processo que se inicia nas ruas, largos e becos do alto da colina e desce suas ladeiras, espalhando pelo caminho cadeiras na sarjeta, panos na porta, crianças em soleiras e mulheres que insistem em se encapuzar; a casa que persiste na rua. Chegando nas fimbrias do morro, cruza a várzea, a linha do trem, sobe outras colinas – encontra o Piques, os Campos Eliseos, “a cidade” vista da Luz.

Mas, se o começo do fim se traduz nesses espaços, há ainda outro que foi sendo conquistado como “caipira” nesse processo. Não refiro mais ao que resta de caipira na colina central ou fora dali no Militão de 1887. Penso nos espaços do imaginário de certa opinião pública que se constituiu como tal na cidade do período em meio às fotografias que produziu, aos jornais que publicou, à política – inclusive cultural – que praticou. Militão a ela pertenceu, por ela foi reconhecido como “boa prosa”, numa crônica de jornal cujo narrador era significativamente um caipira.⁶³

Retratando de maneira privilegiada o desvanecimento da São Paulo caipira, nosso fotógrafo reverencia sem saber – e talvez sem querer – a existência e o vigor dessa urbe. São suas vistas que o atestam, trazendo assim à tona, tanto tempo depois, um certo imaginário caipira do próprio Militão.

NOTAS

- 1 Carta de Militão A. de Azevedo a Portillo, 01/06/1887, in M. A. de Azevedo, *Livro copiar de cartas enviadas*. Coleção Militão A. de Azevedo, 189-189. Grifos meus.
- 2 Benedito Lima de Toledo, "A Imperial cidade de São Paulo vista por Militão", e Carlos Lemos, "A arquitetura que Militão de Azevedo fotografou em São Paulo", in B. L. Toledo, Boris Kossov e C. Lemos, *Album comparativo da cidade de São Paulo 1862-1887: Militão Augusto de Azevedo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, 1981, pp. 23-30; Eludes Campos, "São Paulo: Desenvolvimento urbano e arquitetura sob o Império", in Paula Porta (org.), *História da cidade de São Paulo*, v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2004, pp. 187-249.
- 3 Ver de Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho, "São Paulo antigo, uma encomenda da modernidade: As fotografias de Militão nas pinturas do Museu Paulista", *Anais do Museu Paulista*, n. 1, São Paulo, 1993, pp. 147-76; e "Representações urbanas: Militão Augusto de Azevedo e a memória visual da cidade de São Paulo", *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 27, Rio de Janeiro, 1998, pp. 110-25.
- 4 B. Kossov, *Militão Augusto de Azevedo e a documentação fotográfica de São Paulo (1862-1887): Recuperação da cena paulistana através da fotografia*. Dissertação de mestrado, São Paulo: 1989, 1978; Cândido Domingues Grangeira, *As artes de um negócio: A febre photographica (São Paulo: 1862-1886)*. São Paulo/Campinas: Papéis/Mercado de Letras, 2000; Paulo Cesar Alves Goulart e Ricardo Mendes, *Noticiário geral da photographia paulistana: 1839-1900*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo/Imprensa Oficial, 2007; Marcelo Eduardo Leite, *Militão Augusto de Azevedo: Um olhar sobre a heterogeneidade humana e social de São Paulo (1865-1885)*. Dissertação de mestrado. Araraquara: Unesp, 2002; Rubens Fernandes Júnior, "Militão, um olhar simples e desconcertante", e Pedro Corrêa do Lago, "A primeira reportagem fotográfica de São Paulo", in P. C. Lago, *Militão Augusto de Azevedo*. Rio de Janeiro: Capivara, 2001, pp. 8-15 e 16-27.
- 5 Paulo César Garcez Martins, *Através da vitrola: Sociedade e arquitetura urbana no Brasil (sécs. xvii-xx)*, v. 1. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 1999, pp. 182-242.
- 6 Ver, de Fraya Freixe, "Atraves da fotografia de rua, uma antropologia da rua no Album comparativo da cidade de São Paulo 1862-1887, de Militão de Azevedo", *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n. 1, v. 14, Rio de Janeiro, Uerj, 2002, pp. 35-62; e *Ô da Rua: O transeunte e o saliente da modernidade em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2011, pp. 178-219, 419-530.
- 7 F. Freixe, *O tempo das ruas na São Paulo de fins da Império*. São Paulo: Edusp, 2005; Iris Moraes Araújo, *Militão Augusto de Azevedo: Fotografia e antropologia*. São Paulo: Alameda, 2010.
- 8 Sobre a noção de imaginação fotográfica, ver José de Souza Martins, *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 64.
- 9 Antonio Candido, *Os parceiros do Rio Bonito* [1964]. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 79.
- 10 F. Freixe, *Ô da Rua*, loc. cit., p. 188.
- 11 Marcel Mauss, *Sociologie et anthropologie*. Paris: Puf, 1997 [1950], p. 365 [ed. bras.: *Sociologia e antropologia*, trad. Paula Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003].
- 12 A. Candido, op. cit., pp. 62-63 e 79.
- 13 Id., ibid., pp. 62, 61 e 71.
- 14 Erving Goffman, *Behavior in Public Places*. Toronto: Collier-Macmillan, 1963, p. 9.
- 15 Maria Cristina Cortez Wissenbach, *Sonhos africanos, vivências ladinhas*. São Paulo: Hucitec, 1998, pp. 172 e 193.
- 16 Francisco de Assis Vieira Bueno, *A cidade de São Paulo: Recordações evocadas de memória* [1903]. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1976, p. 17.
- 17 Antonio Egídio Martins, *S. Paulo antigo (1554 a 1901)*, v. 2. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1911, pp. 115 e 110.
- 18 Luís da Câmara Cascudo, *História das manifestações (1974)*. Belo Horizonte: São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1987, p. 41.
- 19 José Luiz Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo: Tradições e reminiscências*, v. 6. São Paulo, 1908, p. 103.
- 20 Ernani da Silva Bruno, *História e tradições da cidade de São Paulo (1954)*, v. 3. São Paulo: Hucitec, 1983, pp. 697 e 833.
- 21 P. A. Y. Bueno, op. cit., p. 106.
- 22 F. Freixe, *Ô da Rua*, loc. cit., pp. 418.
- 23 Id., ibid., pp. 170-219.
- 24 Maria Helena P. T. Machado, "Semio cativo nas ruas: A escravidão urbana na cidade de São Paulo", in P. Porta (org.), op. cit., v. 2, p. 59.
- 25 Maria Odila Leite da Silva Dias, *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX (1984)*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- 26 M. C. C. Wissenbach, op. cit., p. 172.
- 27 J. S. Martins, *Crônica sobre a terra* [1979]. São Paulo: Hucitec, 1996, pp. 1208.
- 28 A. Candido, op. cit., pp. 85-86; J. S. Martins, *O cativo da terra*, loc. cit., 1996, pp. 117-134.
- 29 J. S. Martins, "A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira", in Lilia Moritz Schwarcz (org.), *História da vida privada no Brasil*, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 693.
- 30 Gilberto Freyre, *Salvador e mundos*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 495.
- 31 Sylvia Siriani, *Uma São Paulocênica*. São Paulo: Inusp, 2003, p. 165.
- 32 G. Freyre, op. cit., p. 360.
- 33 F. Freixe, *Ô da Rua*, loc. cit., pp. 65-263.
- 34 Erving Goffman, *Intercâmbio Rural*. Nova York: Anchor Books, pp. 54-77; F. Freixe, *Ô da Rua*, loc. cit., p. 91.
- 35 Id., ibid., pp. 221-66.
- 36 Carlos Rodrigues Brando, *Os impérios de São Paulo*. São Paulo: Imprensa, 1983, p. 71.
- 37 F. Freixe, *Ô da Rua*, loc. cit., pp. 85-103.
- 38 Heloisa Barby, *A cidade e a paisagem: Conservação e emancipalismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: Edusp, 2006, pp. 137-44; E. Campos, op. cit., p. 212.
- 39 J. S. Martins, "A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira", loc. cit., pp. 694 e 696.
- 40 Id., ibid., p. 701.
- 41 Id., ibid., pp. 697-98.
- 42 P. C. G. Martins, op. cit., pp. 194-242.
- 43 J. S. Martins, "A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira", loc. cit., p. 695.
- 44 E. Campos, op. cit., p. 2008.
- 45 F. Freixe, *Ô da Rua*, loc. cit., pp. 465-78.
- 46 Id., ibid., pp. 50788.
- 47 Ver p. 45, neste volume, [9, 1].
- 48 Ver também J. S. Martins, "A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira", loc. cit., p. 69888.
- 49 F. Freixe, *Ô da Rua*, loc. cit., pp. 419-530.
- 50 Ver de J. S. Martins, "O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira", in P. Porta (org.), op. cit., v. 3, pp. 153-213; e *São Paulo no século XX: Princípio mental*. São Paulo: Poiesis/Imesp, 2011; F. Freixe, "Notas sobre os tempos de um tempo: Um certo 'Si-Segismundo' na São Paulo do início dos anos 1870", *Século-Feito*, n. 5, São Paulo, 2009, pp. 98-109.
- 51 Carta de M. A. de Azevedo a Portillo, loc. cit.
- 52 Henri Lefebvre, *La Production de l'espace* [1974]. Paris: Anthropos, 2000, p. 126.
- 53 "O sr. Segismundo", *Diário de São Paulo*, 14/09/1873, [p. 2-3]. F. Freixe, "Notas sobre os tempos de um tempo: Um certo 'Si-Segismundo' na São Paulo do início dos anos 1870", loc. cit.